

Perdoar sempre

24 Domingo comum A

No quotidiano da nossa vida, somos constantemente confrontados com atitudes de rancor, de cólera e de incompreensões.

Isto verifica-se no seio da família, no círculo dos nossos amigos, entre os conhecidos e no nosso meio.

Muitas vezes, sentimos, dentro de nós mesmos, um desejo de responder na mesma moeda, de vingança aos que nos afrontam.

Muitas vezes, ouvimos dizer: *“perdoar... já perdoei, mas esquecer é que nunca”!*...

As leituras deste domingo vão colocar-nos perante estes problemas e vão dar-nos uma resposta cristã.

A 1ª leitura diz-nos que, **contra a vingança** está a **reconciliação e o perdão**.

Esta leitura exorta-nos ao perdão, fazendo-nos considerar como o rancor e a ira são coisas detestáveis a Deus.

Só a Deus cabe fazer justiça.

Uma pessoa que guarda rancor contra outra, poderá pedir a Deus perdão dos seus próprios pecados?

Este é um momento para reflectirmos a nossa maneira de proceder e de ver se alimentamos em nós, sentimentos de ira ou de perdão.

Perdoa, para seres perdoado!...

Na 2ª leitura, São Paulo faz-nos considerar profundamente, que pertencemos a Deus e que somos Sua propriedade.

Diz São Paulo que, Deus, ao enviar o seu Filho Jesus ao mundo, redimiu-nos com o Sangue que Jesus derramou, na

cruz. Deus comprou-nos: *«Pertencemos ao Senhor»*, *«quer vivamos quer morramos»*.

Não temos nada que nos preocupar, nem com a nossa vida nem com a nossa morte.

Se nos atacam, se nos prejudicam, se nos matam, nada disso nos pode tirar a paz.

A Deus pertencemos: *«Se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, morremos para o Senhor»*. Não nos compete a nós fazer justiça contra o mal que nos fazem as outras pessoas.

No Evangelho, o Apóstolo Pedro fala com Jesus, com uma grande confiança e pergunta-lhe com sinceridade: ***Mestre, quantas vezes tenho que perdoar?***

E o Senhor responde-lhe: *Tantas como Deus te perdoa a ti. Perdoa as ofensas do teu próximo e quando tiveres perdoado aos outros, as tuas ofensas te serão perdoadas.*

Infelizmente esquecemo-nos disto tantas vezes!

Todos temos tendência à compaixão e à desculpa pelos nossos erros, mas endurecemo-nos - talvez até à crueldade - quando se trata dos erros dos outros.

Quantas vezes nos deixamos levar pela cólera perante quem nos fere, de qualquer maneira:

- Talvez porque fomos ultrapassados por alguém que tem mais pressa do que nós, caso tão frequente nas estradas.

- Talvez porque nos fizeram uma crítica que nós não gostámos...

Outras vezes, isto poderá acontecer até no nosso próprio lar!

E assim, muitas vezes, convertemos numa espécie de inferno ou de verdadeiro purgatório o que deverá ser um lugar de descanso e de tranquilidade.

Ninguém tem o direito à vingança, nem ao rancor ou à ira contra o seu irmão (1ª leitura).

“Não há maior misericórdia do que dar o perdão a quem nos ofendeu” (S. Tomás de Aquino).

Muitas vezes sentimo-nos indignados por tal e tal comportamento das outras pessoas... Mas vejamos:

Cristo morreu, para redimir aqueles que nos ofenderam. Ora se Ele não os desprezou, como poderemos nós atrever-nos a desprezá-los?

É difícil perdoar

O Evangelho deste dia é a prova desta dificuldade.

É claríssimo o exemplo que Jesus dá na parábola dos dois devedores:

- O rei teve pena daquele servo que lhe devia avultada quantia. Pelo contrário, o servo não foi capaz de perdoar ao companheiro um valor insignificante.

- Aquele servo precisou da misericórdia do Senhor e tinha fé na sua obtenção e conseguiu-a.

Prometeu reparação e obteve mais do que pedia, porque lhe foi perdoada toda a dívida...

Mas, ele próprio não soube perdoar!...

Não será também esta a nossa posição, constantemente?

Todos temos a certeza das nossas imperfeições e temos consciência da nossa condição de pecadores.

Também temos consciência das faltas dos nossos semelhantes, em relação a nós, com tendência para avolumá-las a tal ponto de julgarmos impossível serem perdoadas.

Foi esta a posição daquele servo mau que quis o perdão,

mas não soube,

não pôde

ou não quis usar da mesma medida do seu senhor, para com o seu irmão suplicante.

Que esta atitude, que nos revolta,

sirva de lição,

para mais facilmente nos ajudar

a dispor os nossos corações

a sermos compreensíveis para com o nosso próximo

e a levar à prática da vida

o exercício das obras de misericórdia:

**Amar a Deus sobre todas as coisas
e ao próximo, como a nós mesmos.**